

Considerações teóricas sobre a prática da etnografia na atualidade a partir de Anthony Seeger e Tim Ingold

Schneider Souza¹

PPGCOM- UFF

DOUTORADO

SIMPOM: *Etnomusicologia*

schneidersouza@gmail.com

Resumo: A etnografia é uma *práxis* de pesquisa importante para os estudos de etnomusicologia enquanto base de produção de dados que ocorre por meio da relação direta com os agentes no campo. No entanto, é notório que muitos pesquisadores têm tido problemas com esse conceito. Alguns, por exemplo, têm dificuldade em equilibrar o uso do tempo necessário para desenvolver-se teoricamente e realizar a pesquisa de campo. Diante disso, este artigo objetiva refletir sobre etnografia, expondo alguns problemas que têm ocorrido em relação, primeiro, a seu entendimento, e, segundo, às dificuldades dos pesquisadores em lidar com as demandas previstas por esse método. Esse artigo, portanto, é uma discussão teórica na qual destacaremos dois autores: Anthony Seeger e Tim Ingold. Esses autores produziram dois artigos com considerações sobre a etnografia que lançam posições relativamente conflitantes sobre o tema. A partir da exploração do tema, por meio desses textos, notamos, primeiramente, que é importante não tratar a etnografia como uma palavra que signifique qualquer pesquisa de campo, pois isso levaria a entendimento errôneo sobre o conceito tornando-o referência para algo genérico, portanto, de menor valor epistêmico. Ela possui singularidades que precisam ser respeitadas, principalmente, pela necessidade de extenso aporte teórico para seu embasamento. No entanto, também precisamos, enquanto pesquisadores, procurar meios para que a etnografia não seja intimidadora a ponto de criar uma paranoia nos pesquisadores na busca por aporte teórico arbitrariamente considerado necessário para defender seu trabalho de pesquisa.

Palavras-chave: Etnografia; Trabalho de campo, Anthony Seeger; Tim Ingold; Etnomusicologia.

Theoretical considerations on the practice of ethnography nowadays from Anthony Seeger and Tim Ingold

Abstract: Ethnography is an important research praxis for ethnomusicology studies as the basis of data production that occurs through the direct relationship with agents in the field. However, it is notorious that many researchers have had problems with this concept. Some, for example, have difficulty balancing the use of the time needed to read and conduct field research. Therefore, this article aims to reflect on ethnography, exposing some problems that have occurred in relation to their understanding and the difficulties of researchers in dealing with the demands foreseen by this method. This article, therefore, is a theoretical discussion

¹ Orientação: Dr Felipe Trotta.

in which we will highlight papers from two authors: Anthony Seeger and Tim Ingold. From the exploration of the theme, through these paper, we conclude that it is important not to treat ethnography as a word that means any field research, as this would lead to misunderstanding about the concept making it a reference to something generic, therefore, of lower epistemic value. It has singularities that need to be respected, mainly, by the need for extensive theoretical support for its foundation. However, we also need, as researchers, to find ways in which ethnography is not intimidating to the point of creating paranoia in researchers in search of the theoretical contribution arbitrarily considered necessary to defend their research work as ethnographic.

Keywords: Ethnography; Field work, Anthony Seeger; Tim Ingold; Ethnomusicology.

1. Introdução

Este artigo tem o objetivo de refletir sobre o entendimento atual da etnografia enquanto prática de pesquisa de viés antropológico. Procuramos, a partir disso, encontrar possibilidades de uso da etnografia em acordo com algumas críticas recentes que contestam, principalmente, a superficialidade como a mesma tem sido empreendida em diversas pesquisas. Pretendemos desse modo, propor uma discussão que possa ajudar a desenvolver melhores formas de lidarmos com essa *práxis* de pesquisa singular.

Dentre as qualidades da etnografia, podemos ver que ela possui uma forma singular de comunicar pesquisas de campo demonstrando análises consistentes e aprofundadas de aspectos do cotidiano social por meio do contato direto com a realidade descrita. A escrita dos etnólogos², portanto, tem demonstrado conseguir envolver os leitores com descrições narradas, ou análises, que os aproximam de aspectos mais particulares, tanto do pesquisador quanto da cultura estudada. James Clifford (1986) considera que as descrições etnográficas são alegorias, tanto pelo conteúdo quanto por sua forma, pois explicitam eventos reais em uma escrita imbuída de acepções morais, ideológicas e cosmológicas. São descrições criadas de cunho “literário” que conseguem criar uma afinidade diferenciada com o leitor, estimulando a mente a imaginar aquele momento descrito – ou até mesmo imaginar-se presente naquele momento. Isso se dá porque a etnografia é uma tradução de uma experiência em texto. Portanto, comunicável a um nível mais intimista, menos impessoal. Esse tipo de escrita, portanto, tem mostrado uma prática de pesquisa mais humanizada e cativante, fato que possivelmente favoreceu a popularização que essa *práxis* de pesquisa sofreu nos últimos anos, na qual encontramos pesquisas em áreas diversas, além da antropologia, proclamando usar a etnografia enquanto método base de pesquisa de campo.

² Entendemos como etnólogos todos aqueles que trabalham com etnografia em suas pesquisas, independentemente da área de atuação.

A princípio, do ponto de vista do reconhecimento, isso é algo relativamente bom, pois seria uma amostra da vontade dos pesquisadores em buscarem formas de pesquisa menos objetificadas e mais sensíveis a questões humanas, até mesmo a nível subjetivo. Entretanto, nem tudo que tem se apresentado a partir disso é isento de preocupação, pois essa popularização não tem se mostrado somente positiva. Em um artigo relativamente recente, Tim Ingold (2015) faz considerações importantes sobre como a etnografia tem sido utilizada de modo desmedido e acrítico. Em resumo, o autor aponta para o problema do conceito etnografia estar sendo utilizado para representar *qualquer* tipo de pesquisa de campo qualitativa. Há um preocupante desconhecimento do que é etnografia que não tem impedido pessoas de afirmarem estar utilizando-a em suas pesquisas. Do ponto de vista metodológico, portanto, a popularização descontrolada pode ter afetado a forma como a etnografia tem sido praticada. É como se ela estivesse em um catálogo de métodos para ser escolhida e usada para obtenção de dados empíricos que possam satisfazer objetivos de pesquisa.

Essa relação extremamente pragmática é algo com que os próprios etnólogos têm se preocupado ao longo do tempo. Pesquisar é mais do que obter dados em campo e comunicá-los, pois os agentes não devem ser tratados como objetos a serem observados com informações a serem extraídas. Desde o início do século XX, os etnólogos têm se preocupado com essa questão. Impulsionados, principalmente, pelo conhecido trabalho de Malinowski (1972) que incentivou os antropólogos a saírem de seus gabinetes para irem ao encontro com o campo de pesquisa e ter contato direto com os “nativos” por meio de um empreendimento mais engajado na cultura e nas atividades cotidianas. Esse movimento de saída do gabinete foi incentivando sociabilidades diversas entre os pesquisadores e pesquisados, provocando um senso de igualdade na relação entre ambos. A crítica de Ingold, portanto, se mostra importante, pois o uso displicente do conceito de etnografia pode levar uma acepção genérica do mesmo, colocando em xeque os avanços conquistados na validação acadêmica dessa dimensão mais humana da pesquisa de campo. Isso é um problema preocupante na medida em que fragiliza a produção conhecimento feita por meio dela.

Peirano (2014, p. 383) aponta que um dos problemas é a etnografia ser vista como um método genérico da antropologia, ideia que esvazia seu significado dentro de uma perspectiva teórica mais abrangente. Pensar a etnografia apenas como um método, para a autora, a simplifica demais, distanciando-a das contribuições teóricas que são inerentes desta prática de pesquisa, reduzindo-a a apenas um método de produção de dados. Em seu entendimento: “se é boa etnografia, será também contribuição teórica; mas se for uma descrição jornalística, ou uma curiosidade a mais no mundo de hoje, não trará nenhum aporte

teórico” (PEIRANO, 2014, p. 383). Nesse sentido, a autora demonstra uma crítica a visão pura e simplista da etnografia enquanto somente descrição dos acontecimentos em campo. Para ser etnografia precisa trazer uma contribuição teórica, que provoque novas dúvidas e aumente o leque de possibilidades interpretativas (p. 387).

Temos, a partir do exposto, diversos problemas que confluem e complexificam a questão. Primeiro, o uso acrítico da etnografia prejudica o modo como ela é vista no meio acadêmico, prejudicando constantemente o seu entendimento e a produção acadêmica construída a partir dela. Isso provoca um movimento de reação no qual os teóricos, para minorar o problema, tomam posturas críticas criando limitadores cada vez mais rigorosos para o uso da etnografia, exigindo cada vez mais preparação teórica do pesquisador antes de ir a campo. Nesse caso, a pressão produzida principalmente pelos teóricos mais experientes pode intimidar outros pesquisadores, fazendo-os se sentirem menos aptos a ir a campo. O problema se agrava se pensarmos no pesquisador iniciante, pois o mesmo ficaria dividido entre se embasar teoricamente com uma literatura exaustiva ou, simplesmente, não utilizar a etnografia. Um mestrando no Brasil, por exemplo, possui dificuldades de agenciamento do tempo para lidar com os deveres delegados pelos programas de pós-graduação e a própria pesquisa de campo. Fica a dúvida: usar o tempo para se embasar mais ou ir mais ao campo? A questão se torna muito complexa porque há diversos fatores particulares envolvidos que perpassam a subjetividade do próprio pesquisador, as dinâmicas sociais do campo e as pressões acadêmicas.

Todo o encanto lançado no mundo acadêmico, pelo modo singular dos etnólogos escreverem e analisarem o mundo a sua volta, pode acabar se desfazendo no momento em que os novos pesquisadores se depararem, simultaneamente, com os muitos requisitos necessários para se realizar uma etnografia e com as obrigações institucionais acadêmicas com seus prazos para publicação de material de pesquisa. Em outras palavras, as exigências de rigor crítico feito à produção de etnografias, principalmente em campos que não a têm como fundamento central, podem entrar em séria contradição com as condições de trabalho no regime produtivista neoliberal de nossos dias, incentivando o pesquisador, que precisa corresponder a demandas profissionais, a abandonar a ideia de utilizar a etnografia.

Se, por um lado, as críticas apontam a uma estrutura rígida da etnografia, por outro lado, Anthony Seeger, em seu artigo “*Etnografia da música*” (2008), incentiva uma prática de pesquisa etnográfica um pouco menos rígida. Ele considera, por exemplo, que questões simples, mesmo que de cunho jornalístico, têm validade dentro da etnografia a ponto de sugerir que seja base para primeiros contatos com o campo. A proposta de Seeger não é a

de realizar “descrições jornalísticas”, mas sim dar abertura para que investigações, aparentemente, mais simplificadas possam mostrar também o potencial para contribuir ao conhecimento acadêmico como um todo. O interessante dessa proposta é que Seeger (2008, p. 238) comenta que ela é bem vista por estudantes, ou seja, pesquisadores em fase de consolidação em suas áreas, portanto, relativamente iniciantes.

Temos, portanto, um quadro que se configura demonstrando a importância de se pensar com cautela a ideia de etnografia enquanto método. Se, por um lado, é bom delimitar a etnografia, possibilitando um maior entendimento da mesma para garantir uma qualidade legitimada historicamente, por outro, pode tornar intimidador o seu uso por parte dos pesquisadores iniciantes. Nesse sentido, o artigo de Seeger se mostra interessante porque procura estimular novos pesquisadores a entrar no campo.

A partir disso, é importante também notar que as muitas etnografias produzidas até hoje têm mostrado diferentes possibilidades de se produzir algo com potencial contributivo importante. No entanto, também se nota que não há delimitações claras sobre o que é ou não etnografia, fato que traz simultaneamente possibilidades e problemas. Se, por um lado, dá abertura para novas possibilidades de composição e ajustes que são importantes para a adaptação às dinâmicas do campo, por outro, causa uma insegurança tanto na atuação em campo quanto no discurso sobre a mesma. Talvez, seja por esse motivo que o artigo de Seeger seja bastante atrativo, principalmente, para iniciantes.

Podemos notar, além disso, que alguns pesquisadores sentem a necessidade de dedicar partes de seus textos somente para provar que seu trabalho é etnográfico. Exemplos disso são algumas pesquisas baseadas em etnografia na *internet*, algo relativamente novo para a tradição etnográfica, fato que faz essa prática ser vista com certo ceticismo. Alguns autores importantes para a difusão dessa abordagem, como o Cristine Hine (2000), Don Slater e Daniel Miller (2001), Robert Kozinets (2010) e Luciano Almeida (2010), dedicam seções para explicar porque seus modelos podem ser considerados como etnográficos. São posicionamentos assertivos no campo com o intuito de serem aceitos entre os pares nos contextos acadêmicos.

Esses autores, provavelmente, optaram por usar a etnografia em suas pesquisas por notar qualidades importantes na mesma, tanto na construção do processo com suas reflexões e atividades práticas quanto na sua forma única de comunicar resultados. O problema, portanto, se evidencia na medida em que a qualidade parece ficar em segundo plano, pois há uma necessidade aparente de primeiro mostrar que se é, de fato, pesquisa, mesmo que isso seja evidente. É preciso, além disso, provar que se é etnografia. Isso produz

um problema ainda maior porque posiciona a discussão acadêmica em um paradigma dual do “é ou não”, em vez de aceitar a complexidade envolvida nesses novos empreendimentos investigativos. Ademais, os mesmos são frutos das transformações dinâmicas, tanto da academia quanto dos campos sociais estudados.

Isso tudo nos leva a uma questão: seria possível encontrar um equilíbrio de pesquisa em que abraçássemos as inseguranças do campo sem deixar de lado o que é importante teoricamente para uma etnografia? Para aprofundar no tema, propomos aqui uma discussão teórica na qual confrontaremos as duas percepções sobre etnografia anteriormente citadas, de Ingold e Seeger, pois seus artigos demonstram uma relativa oposição de ideias que podem apontar para caminhos possíveis para uma resolução do problema apresentado.

2. Tim Ingold e o cuidado que devemos ter com o conceito de etnografia e sua prática

Ingold, em seu artigo *That's enough about ethnography* (2015), faz críticas relevantes sobre o modo simplista como a etnografia vem sendo utilizada por diversas áreas. Segundo o autor, de modo superficial, e algumas vezes acrítico, o uso demasiado da etnografia, no discurso e na prática de pesquisa, sem aprofundamento teórico necessário “tem causado danos a antropologia” (INGOLD, 2015 p. 383).

O artigo de Ingold perpassa por dois problemas: o obscurantismo acadêmico e o uso equivocado do conceito. No caso do obscurantismo acadêmico, podemos notar que, indiretamente, Ingold se refere a seu *modus operandi* atual – com produtividade massiva, proveniente das exigências burocráticas que pressionam os pesquisadores, além das frágeis relações intradepartamentais nas instituições – que “permite” que diversos trabalhos sejam publicados em outras áreas utilizando a etnografia como uma solução cômoda. Ingold fala:

Quantas propostas de pesquisa temos lido, vindo de campos como sociologia, política social, psicologia social e educação, nos quais o candidato explica que ele ou ela irá conduzir uma “entrevista etnográfica” com uma amostra de informantes selecionados aleatoriamente, na qual os serão processados por um pacote recomendado de programas para produzir “resultados”?³ (INGOLD, 2015, p. 384).

A ideia de utilizar a “entrevista etnográfica” como método já mostra, para Ingold, que há uma forma genérica de utilizar o termo etnografia de modo equivocado contrariando as

³ How many research proposals have we read, coming from such fields as sociology, social policy, social psychology and education, in which the applicant explains that he or she will conduct “ethnographic interviews” with a sample of randomly selected informants, the data from which will then be processed by means of a recommended software package in order to yield “results”?

formas de pesquisa que o termo propõe: “tal procedimento, no qual etnográfico aparece para ser um substituto modista para pesquisa qualitativa”⁴ (INGOLD, 2015, p. 384). Ingold admite que um dos motivos desse problema acontecer é a dificuldade que os antropólogos têm de explicar o conceito com clareza levando, assim, a um entendimento da etnografia como um simples método de extração de dados.⁵

Para Ingold, o conceito de etnografia “literalmente significa escrever sobre pessoas”⁶ (INGOLD, 2015, p. 385). Ele, desse modo, aponta para dois aspectos importantes em etnografia: o ato de escrever e o sobre quem se escreve. Este modo literal de ver a etnografia é uma forma que possibilita o seu encaixe em diversos arranjos epistemológicos. Ingold, entretanto, lembra que não é toda escrita sobre alguém que podemos chamar de etnografia. Uma etnografia precisa ser produto de um envolvimento ontológico com o campo e sua escrita não é somente duramente descritiva, ela possui um toque artístico em sua composição. Nas palavras de Ingold: “descrições etnográficas, nós podemos disse claramente, é mais uma arte do que uma ciência, mas não menos precisa e verdadeira por isso”⁷ (INGOLD, 2015, p. 385).

Quando pensamos dessa forma, a ideia de arte pode ser problemática por dar abertura a um processo criativo com certo apelo estético que pode flertar com a ficção. No entanto, é importante lembrar que fazer etnografia não quer dizer construir narrativas ficcionais. Mesmo se pensarmos na ideia de alegoria de Clifford (1986), a etnografia não é uma ficção literária isenta de fatos verídicos, pois está sempre condicionada a experiências reais dentro do campo. Além disso, devemos estar cientes de que toda arte possui alguma forma, portanto, modos específicos de comunicação. Há critérios estilísticos que definem a identidade da obra e até mesmo parte de sua aceitação pelo “público” em um dado momento histórico. Este aspecto, na verdade, não desvaloriza a etnografia, pois é nele que a etnografia mostra um valor singular. Em outras palavras, o aspecto artístico da etnografia mostra que ela possui uma especificidade em sua construção, com critérios rigorosos em sua execução, assim como em uma peça musical composta por um músico que utiliza toda sua experiência prática. Porém, é evidente que a etnografia não é um tipo de obra de arte em si, pois sua construção

⁴ “Such a procedure, in which ethnographic appears to be a modish substitute for qualitative”

⁵ Apesar de Ingold falar dos antropólogos, acredito que ele esteja se referindo aos profissionais dedicados a este tipo de pesquisa de campo, visto que há em diversas áreas profissionais com trabalhos importantes utilizando a etnografia. A etnomusicologia, por exemplo, é uma área na qual encontramos diversos trabalhos sérios utilizando a etnografia com a mesma rigorosa perspectiva da antropologia.

⁶ “...quite literally means *writing about people*”

⁷ “Ethnographic description, we might well say, is more an art than a science, but no less accurate or truthful for that.”

tem função acadêmica e critérios rigorosos para legitimá-la epistemologicamente no âmbito de certas áreas de conhecimento.

A etnografia se dá por meio do encontro com o outro, no qual são produzidos registros que são derivados desse contato. E, para o autor, o que é importante em uma pesquisa etnográfica é o nível de engajamento do pesquisador, um comprometimento ontológico com si e com o outro.

Mais do que qualquer disciplina nas ciências humanas, ela tem os meios necessários e a determinação para mostrar como o conhecimento cresce a partir do cadinho das vidas vividas pelos outros. Este conhecimento, como sabemos bem, não consiste em proposições sobre o mundo, mas nas habilidades da percepção e capacidade de julgamento que se desenvolvem no decorrer de compromissos diretos, práticos, e engajamentos sensíveis com nosso entorno. Isto é para refutar, de uma vez por todas, a falácia de que a observação é uma prática dedicada a objetivação dos seres e das coisas que controlam a nossa atenção e a sua remoção da esfera do nosso envolvimento consciente com consoantes.⁸ (INGOLD, 2015, p. 387).

Essa ideia de engajamento ontológico, portanto, é uma condição moral na qual o respeito pelo outro deve se transparecer tanto na relação direta com o sujeito envolvido quanto no registro e análises produzidos a partir desse encontro. Podemos notar que, além de um preceito ético, há uma relação afetiva que é desenvolvida com o outro durante o contato em campo. Para que haja essa humanização é necessário não apenas observarmos a distância, mas que participemos, na medida do possível, das práticas culturais desenvolvidas pelas pessoas no campo. Isso é o que chamamos de observação participante, prática que tem nos levado, enquanto pesquisadores, a um contato mais direto com o outro e sua cultura. Ingold, no entanto, nos lembra de que observação participante não é etnografia em si, mas sim um pressuposto da ação etnográfica:

Observação participante não é uma técnica secreta para reunir informações sobre pessoas, em um pretexto de aprender com eles. É mais uma realização, em letra e escritura, na qual nos devemos ao mundo para nosso

⁸ more than any other discipline in the human sciences, it has the means and the determination to show how knowledge grows from the crucible of lives lived with others. This knowledge, as we are well aware, consists not in propositions about the world but in the skills of perception and capacities of judgment that develop in the course of direct, practical, and sensuous engagements with our surroundings. This is to refute, once and for all, the commonplace fallacy that observation is a practice exclusively dedicated to the objectification of the beings and things that command our attention and their removal from the sphere of our sentient involvement with consociates.

desenvolvimento e formação. É isso que quero dizer por comprometimento ontológico.⁹ (INGOLD, 2015, p. 388).

Esse modo complexo e, simultaneamente, sutil de perceber a etnografia se dá pelo fato de que Ingold entende a antropologia como uma prática de educação, porém diferente daquela institucionalizada na qual a perspectiva se enfatiza no desenvolvimento de técnicas que objetivam melhorar processos de ensino aprendizagem. A educação, nesse caso, seria “uma questão de levar os novatos para o mundo, em vez de, como comumente entendido hoje, de incutir conhecimentos em suas mentes. Em vez de colocar-nos em uma posição ou proporcionar uma perspectiva, a educação neste sentido é sobre afastar-nos de qualquer ponto de vista”¹⁰ (INGOLD, 2015, p. 388-389). Ele se refere, na verdade, à capacidade do trabalho antropológico produzir um processo de transformação dinâmica e constante no próprio pesquisador.

3. Anthony Seeger e uma proposta prática e humanizada de etnografia

Em outra perspectiva teórica, Anthony Seeger propõe um posicionamento, de certo modo, diferente sobre a etnografia. Em seu artigo “Etnografia da Música” (2008), o autor explica de uma forma pedagógica, como iniciar um trabalho etnográfico de uma maneira mais simplificada. Ele mostra como a etnografia da música se consolidou nos estudos sobre práticas musicais diversas e, a partir disso, tentar mostrar possibilidades de entendê-la atualmente. Nisso, o que chama a atenção, é que ele propõe algo prático e simplificado em uma seção chamada “uma etnografia da performance faça-você-mesmo”. Nessa seção, o autor propõe um modelo simplificado para entendermos o campo a partir de perguntas que se iniciem com *quem, onde, o que, onde, quando e por que*. Apesar do direcionamento às pesquisas em performance musical, Seeger tenta mostrar a possibilidade de iniciar uma investigação em campo a partir de questionamentos simples que podem ajudar tanto no processo de observar quanto no de refletir.

As respostas a *o que e como* podem descrever os sons (densidade estética) [isto no caso de estar se referindo a uma prática musical], assim como as categorias utilizadas para falar sobre eles (densidade semântica). As respostas a *onde e quando* são partes importantes do contexto. As respostas

⁹ participant observation is absolutely *not* an undercover technique for gathering intelligence on people, on the pretext of learning from them. It is rather a fulfilment, in both letter and deed, of what we owe to the world for our development and formation. That is what I mean by ontological commitment.

¹⁰ a matter of leading novices *out* into the world rather than, as commonly understood today, of instilling knowledge *in* to their minds. Instead of placing us in a position or affording a perspective, education in this sense is about pulling us away from *any* standpoint.

ao *por que* se referem tanto às orientações históricas quanto às sistemáticas, já que tais respostas dependem tanto do contexto imediato quanto histórico do evento. Diferentes pesquisadores podem escolher se concentrar mais em um que no outro por razões de seu próprio desenvolvimento histórico e teórico. (SEEGER, 2008, p. 253).

Essa proposta, a princípio, sugere que a utilização dessa fórmula de questionamentos é a etnografia, mas na verdade seria mais coerente entender essa sugestão como um ponto de partida. Se formos a um evento musical e perguntamos o “o que” e o “por que” as pessoas estão fazendo aquilo, encontraremos a resposta para o que está acontecendo ou se observássemos teríamos “o como” realizam suas práticas culturais. Poderíamos, então, começar a criar as narrativas etnográficas e comunicar as “verdades” existentes naquele evento, porém não é exatamente isso que Seeger propõe. O modelo proposto, na verdade, funciona como um motivador para iniciar uma pesquisa de campo etnográfica e o uso dessas perguntas possibilita formar categorias e esboçar ideias iniciais que fornecem pistas importantes para o significado do que está acontecendo naquele momento do trabalho de campo (SEEGER, 2008, p. 254).

Seeger também considera a complexidade acerca da própria sugestão comentando que não se pode fazer uma análise da performance de uma apresentação musical apenas conversando com o público e os músicos, deve-se também procurar todas as outras pessoas envolvidas. Tal posicionamento se deve, provavelmente, por notar uma valorização do público e dos artistas como sendo principais na performance musical, modo de pensar que pode excluir demais agentes envolvidos.

Nem os músicos, nem a audiência são as únicas pessoas envolvidas na performance. Existem os administradores dos negócios, os administradores do transporte, os donos dos clubes noturnos, os engenheiros de som, bombeiros, policiais, recepcionistas e seguranças. Todos eles possuem uma perspectiva do evento que pode ser muito instrutiva. Um evento musical local é também parte de um amplo processo econômico, político e social, que pode contestá-lo mesmo quando o reproduz (SEEGER, 2008, p.255)

Ele mostra no artigo como é possível abordar questões interessantes e relevantes se começarmos a pensar sobre as relações que as respostas têm com o contexto daquele evento, naquele dado momento, com agentes específicos e em local singular. A partir desse início, no qual as questões deixam o ponto zero, é que o trabalho começa a se complexificar. A proposta de Seeger, portanto, pode parecer simples, no entanto, essa simplicidade é apenas para os momentos iniciais de pesquisa.

Um dos livros mais renomados do próprio Seeger, *Por que cantam os Kisêdjê* (2015), consiste de uma etnografia extensa e intensa, na qual explicita haver vivido entre os índios desta tribo por um longo período. E foi durante esta prolongada convivência que conseguiu levantar dados através de entrevistas, gravações e anotações. Foi na experiência cotidiana que desenvolveu sensibilidade suficiente para reconhecer questões importantes sobre a música daquele povo. Nesse sentido, ele se aproxima mais ao critério imposto por Ingold aos trabalhos etnográficos: observação participante engajada em uma perspectiva ontológica. O próprio Seeger, portanto, também entende a importância desta vivência em longo prazo e intensa no campo. Ou seja, a complexidade prática e teórica envolvida na etnografia é um processo que com o tempo é inescapável, pois ele se desenvolve por demanda do próprio campo.

Em resumo, o que Seeger defende é uma postura proativa, de ir ao campo com questionamentos básicos e iniciar uma etnografia de um evento, em vez de se dedicar a uma preparação teórica intensa, pois reconhece algum valor nesses empreendimentos; nas observações iniciais condicionadas pelas curiosidades subjetivas dos pesquisadores. Mesmo que tal evento não se repita como foi visto pela primeira vez, ou que nunca mais aconteça, podemos tirar questões significativas acerca da prática cultural realizada naquele momento que podem conduzir melhores pesquisas posteriormente.

Considerações finais

Diante do que foi exposto neste texto, consideramos as afirmações de Ingold muito relevantes e coerentes. A etnografia não pode ser vista como um método de extração de dados para serem utilizados pelo pesquisador em seu trabalho acadêmico. A etnografia tem um percurso histórico construído lentamente pelos pesquisadores que resolveram aplicá-la e discuti-la. Foram realizados muitos debates importantes para configurar a *práxis* etnográfica atual. E foi o envolvimento ontológico com o campo que possibilitou aos etnólogos elegerem procedimentos práticos e a base teórica, significativos para este modo de fazer pesquisa de campo. Envolvimento que reconheceu o papel político do pesquisador em campo; que o tirou da falsa neutralidade científica que se mostrava cômoda para aqueles que queriam apenas realizar seu trabalho e não se envolver com os agentes. Já não é bem-vista uma prática etnográfica sem alteridade, que negligência a realidade do campo e dos agentes envolvidos. Em outras palavras, a crítica de Ingold é muito relevante porque não se pode fazer etnografia negligenciando toda teoria construída sobre ela, nem seu caráter político.

Por outro lado, é importante notar que a proposta de Seeger é interessante porque incentiva principalmente os novos pesquisadores a entrarem no campo. É importante, nesse caso, que se valorizem essas experiências também, pois elas encorajam os pesquisadores a continuarem, tanto pelo contato humano significativo quanto pelas próprias questões que motivam movimento para suas resoluções. Notamos, a partir disso, que as ideias de Ingold e Seeger se confluem. Suas diferenças, portanto, se mostram a partir do ponto de partida e a intenções de seus discursos.

Como Peirano (2014, p. 381) afirma: a “teoria se aprimora pelo constante confronto com dados novos, com as novas experiências de campo, resultando em uma invariável bricolagem intelectual”. O campo nos ensina, nos surpreende e faz com que tenhamos que estar sempre repensando as teorias. A teoria e a prática estão entrelaçadas na etnografia. Uriarte (2012, p. 2) considera que “teoria e a prática são inseparáveis: o fazer etnográfico é perpassado o tempo todo pela teoria”, mas não submetido a ela. Havia uma separação entre empiria e teoria que foi sendo dispensada conforme as etnografias iam se realizando na história, mas que hoje não cabem no trabalho etnográfico (PEIRANO, 2014). Essa distinção não representa a etnografia. Nesse sentido, podemos afirmar que a etnografia é uma praxis (teoria e prática) de pesquisa.

Mas, se há validade em uma proposta de pesquisa de campo etnográfica mais simplificada como na proposta de Seeger e, simultaneamente, temos uma crítica relevante como de Ingold que diz que nem todo trabalho de campo é etnográfico, temos um problema na utilização do conceito de etnografia. A etnografia não pode ser utilizada para se referenciar a qualquer trabalho de campo. Também não se pode negar que há validade nas alegorias construídas nelas. Diante disso, se aceitarmos que exista uma distinção entre trabalho de campo e trabalho de campo etnográfico, devemos também pensar em criar alguma forma dessas experiências não etnográficas poderem produzir descrições relevantes.

Acreditamos que estas descrições possam ser válidas desde que estejam expostas as condições do trabalho de campo e, principalmente, o estado do pesquisador naquele momento. Essa exposição do pesquisador pode mostrar ao leitor as fragilidades da pesquisa e isto abre a possibilidade de uma avaliação por parte do leitor. Tanto as qualidades do trabalho quanto seus problemas estarão expostos. Isso tem valor até mesmo para uma relação mais honesta com o “nativo”. Viveiros de castro (2002) sugere, nesse sentido, que busquemos superar a dualidade pesquisador-nativo a ponto de entendermos que ambas possuem epistemologias complexas e referentes a um mesmo denominador, a noção de humano e suas singularidades. Se expor, portanto, é uma forma de levar o “nativo” a sério. Mas,

infelizmente, dentro do contexto do trabalho acadêmico, inflado de problemas egóicos, é improvável que essa ideia seja aceita facilmente.

Por fim, devemos continuar os debates sobre etnografia. O conceito deve ficar cada vez mais claro e seu uso mais consciente. Mas, também precisamos procurar meios para que não se criem barreiras intimidadoras para outras áreas de conhecimento no uso da etnografia. É importante que a *práxis* etnográfica seja entendida e estimulada, pois ainda se mostra muito frutífera a troca epistemológica que acontece em uma pesquisa de campo com perspectiva antropológica.

Referencias

ALMEIDA, Luciano André da Silva. *Etnomusicologia no Ciberespaço: Processos Criativos e de Disseminação em Videoclipes Amadores*. 2010. Tese (Doutorado em Música - Etnomusicologia) – Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

HINE, Christine. *Virtual Ethnography*. SagePublications: California. 2000.

INGOLD, Tim. That's enough about ethnography! *Hau: Journal of Ethnographic Theory*. V.4, p. 383–395. 2015.

KOZINETS, Roberts. *Netnography: Doing Ethnographic Research Online*. Londres: Sage Publications, 2010.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Abril Cultural, 1976 [1922].

MILLER, Daniel; SLATER, Don. *The Internet: an Ethnographic Approach*. Londres: Berg Publishers, 2001.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, n. 42, p. 377-391, jul./dez. 2014,

SEEGER, Anthony. Etnografia da Música. *Cadernos de Campo*, São Paulo, nº 17, p. 237-259, 2008.

_____. *Por que cantam os Kisêdjê – uma antropologia musical de um povo amazônico*. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

URIARTE, Urpi Montoya. O que é fazer etnografia para os antropólogos, *Ponto Urbe [Online]*, V. 11, 2012. Acesso em 21 Janeiro de 2016. Disponível em: <http://pontourbe.revues.org/300>

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. O nativo relativo. *MANA*. V. 8, p: 113-148, 2002